

JOGOS COOPERATIVOS

PERSPECTIVAS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS

NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR*

Ms. MARCOS MIRANDA CORREIA

Professor do Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro (Iserj)
E-mail: mmarcosuff@bol.com.br

RESUMO

Partimos, neste trabalho, da importância de rever o paradigma da competição em nossa sociedade e na Educação Física escolar. A partir disso, apresentamos a proposta dos jogos cooperativos como sendo a mais adequada para desmistificar o paradigma da competição dominante. Essa proposta é vista como transformadora, mas que precisa ser mais estudada e contextualizada para assumir os desafios e possibilidades de romper com a dominância do paradigma da competição e de levar a cooperação além da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos cooperativos; Educação Física escolar.

* Este artigo é um reorganização de minha dissertação de mestrado. Ver Correia (2004) na bibliografia.

INTRODUÇÃO

Não podemos negar que a Educação Física tem avançado e se esforçado teoricamente para superar os modelos competitivista e tecnicista dominantes. Em contrapartida, não podemos deixar de observar que, no exercício do cotidiano escolar, ainda se reproduz muito o mito da competição e os processos de esportivização na Educação Física. Ou seja, as críticas às abordagens metodológicas denominadas competitivistas e tecnicistas, evidenciadas a partir da década de 1980, continuam pertinentes.

Este artigo tem como ponto de partida a constatação da importância de rever-se os paradigmas e valores atrelados ao modelo competitivo das relações sociais e humanas que se estabeleceram em nossa sociedade capitalista (Correia, 2004). Modelo e valores amplamente e, muitas vezes, inconscientemente enfatizados pela visão esportivizante da Educação Física.

Partindo dessa avaliação, procura desmistificar a visão competitiva dominante na Educação Física escolar, tomando como principal referencial a proposta dos jogos cooperativos. Proposta que vem se revelando como a mais nova e mais adequada tendência ou concepção da Educação Física Escolar na busca por projetos educacionais não competitivos.

Em seguida, apresenta uma visão dos jogos cooperativos na perspectiva das principais e mais reconhecidas obras de Terry Orlick, Guillermo Brown e Fábio Brotto. Essa visão é complementada por um resumo da publicação de alguns outros trabalhos construídos a partir desses mesmos autores.

Nesta exposição das perspectivas dos jogos cooperativos, apontam-se alguns desafios e possibilidades para a desmistificação da competição e da valorização da cooperação; não só nas aulas de Educação Física, como também além do espaço escolar.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O MITO DA COMPETIÇÃO

A Educação Física escolar, por meio de suas atividades esportivas, consolidou uma visão de que não se pode viver, ou sobreviver, sem competição. “A competição é realmente inerente ao homem, isto posto não queremos renegá-la e/ou retirá-la do convívio de nossos alunos, temos sim que repensar os conteúdos e estratégias nas aulas de Educação Física...” (Kemmer, 2000, p. 13).

Tanto Brown (1995) quanto Brotto (2002) identificam outras concepções também fortemente aceitas por grande parte dos professores de Educação Física:

- a competição não vai ser eliminada;
- sem competição não tem graça;
- os resultados são melhores na competição, porque cada um dá mais de si;
- a competição pode ser boa se for sadia.

A Educação Física escolar, influenciada pelo esporte de rendimento, incorpora facilmente a idéia da competição. Lovisolo (2001) afirma que o esporte não pode ser negado à escola nem aos alunos, porque ele é representante e componente da nossa cultura, e com ele a competição: “considero que a competição que se expressa em ganhar e perder é a alma do esporte” (p. 108) e “creio, portanto, que se há atividade esportiva na escola, algum grau de competição estará presente” (p. 109).

Freire (1999) também acredita que negar a competição é o mesmo que eliminar o esporte da Educação Física e considera “ser mais educativo reconhecer a importância do vencido e do vencedor do que nunca competir” (p. 150).

Outros autores, mesmo discordando da pura reprodução do esporte de rendimento na Educação Física escolar, encontram aspectos positivos para o ensino e a vivência da competição no processo educacional. Acreditam que se pode estabelecer uma ressignificação do seu sentido ou uma transição do modelo de competição tradicional para outros inovadores, incorporando valores mais humanos (Correia, 2004).

Entendemos ser necessário rever e reformular essas concepções a respeito da competição, tão aceitas e difundidas na Educação Física escolar. Uma contribuição importante vem da biologia, por intermédio de Humberto Maturana, o qual vem influenciando diversas áreas da ciência e do conhecimento (Graciano, Magro, 2001) e que tem muito a contribuir para a superação dessa cultura da competição na Educação Física escolar.

Maturana (2002) contradiz o mito da competição sadia. Conforme esse autor, “a competição sadia não existe. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico. Como fenômeno humano, a competição se constitui na negação do outro” (p. 13). Quando se aceita o discurso da competição como um valor importante para a sociedade e se defende que a competição deve ser ensinada de maneiras mais sutis na escola, esquece-se que é estimulada uma cultura e uma ideologia direcionadas para a negação do outro nos espaços de convivência, diminuindo a sensibilidade às diferenças sociais, desrespeitando ou desvalorizando os trabalhos mais “simples” de outras pessoas e dando continuidade às políticas de exploração e dominação.

A questão da competição, em nossa cultura dita civilizada, não é apenas estabelecer e reforçar uma relação de dominação entre ganhadores e perdedores, mas a tentativa de justificar e banalizar tal relação. As classes e ideologias dominantes fazem com que as desfavorecidas ou exploradas aceitem a condição de dominadas como uma coisa natural, e fazem acreditar que um dia a situação possa ser revertida como em um jogo. Para Brown (1995), isso significa “negar e invalidar qualquer possibilidade de mudança” (p. 16).

Segundo Maturana (2002), quando se quer convencer alguém de que nossas ações estão corretas, busca-se argumentos em toda uma série de concepções já incorporadas, sobre as quais já nem sequer se reflete; simplesmente são repetidas com certeza e convicção. Por isso, vemos essa valorização da competição dentro da Educação Física escolar como um mito e um difícil desafio.

Para Bertrand (2001) os estudantes de hoje serão os principais agentes, condutores e prosseguidores das transformações paradigmáticas e éticas hoje reivindicadas. Isso significa que esses jovens e crianças precisarão de uma educação e de uma formação “com valores diferentes da competição, da segregação, do racismo etc.” (p. 231). A Educação Física escolar, apoiada nos referenciais dos Jogos cooperativos, pode e deve assumir esse compromisso.

PERSPECTIVA DE MUDANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: OS JOGOS COOPERATIVOS COMO NOVA TENDÊNCIA

Darido (2001) apresenta os jogos cooperativos como uma nova tendência na Educação Física e afirma que eles “se constituem numa proposta diferente das demais” (p. 8) ao valorizar a cooperação em lugar da competição. Sugere um aprofundamento nas análises filosóficas e sociológicas e dos efeitos do capitalismo sobre a competição e cooperação na sociedade contemporânea em relação ao jogo. Mesmo assim, considera-a uma proposta interessante, porque busca a formação de valores mais humanitários e por acreditar ser possível de ser implementada e concretizada no cotidiano escolar.

Correia (2003), elaborando um projeto pedagógico para uma escola municipal do estado do Rio de Janeiro, incluiu a proposta dos jogos cooperativos como uma tendência; porque essa se compatibilizava com as concepções holísticas e os princípios da cooperação, da inclusão e da co-educação que pretendia desenvolver.

Brotto (2002) relata uma série de trabalhos com jogos cooperativos que vem sendo desenvolvidos no Brasil, tais como:

- Programa semestral de jogos cooperativos aberto à comunidade universitária, na Universidade de São Paulo (USP);
- a publicação do livro: *Jogos cooperativos: teoria e prática*, de Brown, em 1995;
- I Encontro Jogos Cooperativos e Jogos Essenciais em 1994;
- I Clínica de Jogos Cooperativos: educando para a Uni-diversidade em 1995;
- a publicação do livro: *Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar*, do próprio Brotto, em 1995 e sua reedição em 2000;
- a inclusão dos jogos cooperativos no Programa do Esporte Educacional do Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte (Indesp) em 1995;
- lançamento da *Revista Jogos Cooperativos* em 2001.

No VII Encontro Fluminense de Educação Física Escolar (Enfefe), a comissão de avaliação, na palestra de encerramento, relatou os jogos cooperativos como um dos temas mais sugeridos para o próximo encontro de 2004 (Universidade Federal Fluminense – UFF, 2003).

Hoje, valores como a cooperação e a solidariedade estão ganhando destaque nos discursos de diversos setores da sociedade. A Educação Física tem demonstrado, desde de a década de 1980, intenções de mudar sua visão excessivamente esportiva e competitiva. Nesse contexto e nesse momento, os jogos cooperativos tornam-se a proposta mais adequada para efetivar essa perspectiva de mudança.

JOGOS COOPERATIVOS

Os jogos cooperativos não são uma manifestação cultural recente, nem tampouco uma invenção moderna. Podem ser encontrados em algumas as “escavações arqueológicas”. A essência dos jogos cooperativos “começou há milhares de anos, quando membros das comunidades tribais se uniam para celebrar a vida” (Orlick apud Brotto, 2002, p. 47). O mais destacado arqueólogo dos jogos cooperativos, Orlick (1989), entende que “eles representam o início de jogos com mais oportunidades, sem violações físicas ou psicológicas” (p. 124).

A arqueologia e a sistematização feitas por Orlick (1989) mostram que os jogos perpetuados por determinadas sociedades refletem e repassam valores éticos, culturais e morais. A partir disso apresenta os jogos cooperativos como uma

atividade física essencialmente baseada na cooperação, na aceitação, no envolvimento e na diversão, tendo como propósito mudar as características de exclusão, seletividade, agressividade e de exacerbação da competitividade predominantes na sociedade e nos jogos tradicionais. “O objetivo primordial dos jogos cooperativos é criar oportunidades para o aprendizado cooperativo e a interação cooperativa prazerosa” (idem, p. 123).

Orlick (idem) encontra indícios desses jogos em diversas sociedades e comunidades primitivas que se consolidaram e sobreviveram fundadas na cooperação.

Segundo o autor, os Inuit, esquimós do norte do Canadá, desconheciam o conceito de propriedade privada e a organização social era como a de uma grande família. Quando alguns caçadores conseguiam alimento além do necessário para sua família, o excedente era compartilhado com os outros que não tinham tido a mesma sorte. A relação desse povo com a terra era oposta à que conhecemos: “as pessoas pertenciam à terra e não a terra às pessoas” (idem, p. 34). Essa relação com a terra e com os semelhantes era refletida em seus jogos e brincadeiras, que eram cooperativos e não-competitivos.

Outros povos, como os Aborígenes australianos, os Tasaday africanos, Arapesh da Nova Guiné e os Kanela brasileiros, mantêm rituais e jogos que refletem um tipo de vida cooperativa (Brotto, 2002; Orlick, 1989).

Entre os Arapesh da Nova Guiné, cujo ideal social é o bem-estar comunitário, a alteridade é um valor de grande importância e as crianças aprendem desde cedo com os adultos a não machucar os outros, em seus jogos prevalece a não-competitividade.

Por exemplo, no *takertak*, jogo dos Tangus da Nova Guiné, duas equipes de jogadores e ao redor de uma área com diversas estacas fincadas no chão devem arremessar seus chapéus com o objetivo de empatar a “disputa”. Assim, quando um membro da equipe acerta uma estaca, os demais devem arremessar o chapéu nos espaços vazios entre as estacas, estabelecendo uma nova dificuldade para a equipe que está à frente. Segundo Orlick (1989), esse tipo de jogo reflete uma “equivalência moral, também refletida na partilha equitativa de gêneros alimentícios entre o povo” (p. 170).

Podemos acrescentar à arqueologia de Orlick, aqui no Brasil, situações curiosas ocorridas nos jogos dos povos indígenas que exprimem a tentativa de preservação das características dos jogos de diversas etnias (Brasil, 2002; Monteiro, 2003). Na visão dos índios, expressa por Terena (2002), “o importante não é competir, e sim celebrar”. A celebração é extremamente valorizada e os índios buscam manifestar a alegria e o amor pela vida e pela natureza.

Em contraponto, no material disponibilizado pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e no trabalho de Monteiro (2003), observa-se uma tentativa de

esportivização dos jogos indígenas. A introdução da premiação, as limitações de participantes e a padronização do esporte de rendimento são levadas para esse evento, gerando fatos curiosos na visão da Funai (Brasil, 2002). Por exemplo, um grupo de índios foi chamado várias vezes pelo alto-falante para receber as medalhas referentes a uma vitória obtida numa prova de atletismo, mas ignorou o chamado e a premiação, dando preferência ao almoço que os esperava. Em outro exemplo, uma corredora da tribo Kanela não rompeu a fita colocada para determinar a linha de chegada e continuou correndo, pois para ela o importante é correr, celebrar. Vê-se nesses episódios o confronto de valores de duas culturas distintas; enquanto os brancos civilizados fazem questão da premiação, os índios valorizam a participação, a confraternização e a celebração.

Incomodado com o excesso de incentivo à competição Orlick (1989) encontra nos jogos cooperativos uma base e um caminho para começar algumas mudanças positivas em prol de uma ética cooperativa.

Para esse autor, não conseguiremos manter um ambiente humanitário em nossa sociedade reproduzindo um sistema social baseado em recompensas e punições,

devidos trabalhar para mudar o sistema de valores, de modo que as pessoas controlem seus próprios comportamentos e comecem a se considerar membros cooperativos da família humana [...] Talvez, se alguns dos adultos mais destruidores de hoje, tivessem sido, quando crianças, expostos ao afeto, à aceitação e valores humanos, o que tento promover através dos jogos e esportes cooperativos, teriam crescido em uma outra direção (idem, p. 14).

Segundo o autor, ao participarmos de um jogo, estamos fazendo parte de uma “minissociedade” (p. 107). Ao interagirmos com os outros, com as regras, com as recompensas e com as punições estabelecemos um processo de formação de valores e princípios; formação essa, que pode afirmar tanto o coletivismo, a solidariedade e a cooperação quanto a individualidade, o egoísmo e competitividade. Por essas razões, o autor busca, nos jogos cooperativos, alternativas para o que se está ensinando às crianças, no entanto, grande parte dos programas de Educação Física, pouco ou quase nada oferecem como alternativa aos jogos competitivos.

Não podemos esperar que os jogos cooperativos sejam incorporados e aceitos de pronto ou de imediato. “Talvez seja preciso um pouco de paciência para aprender essa ‘nova’ forma de jogar, principalmente se os participantes jamais jogaram de forma cooperativa antes [...]” (Orlick apud Brotto, 2002, p. 62).

Orlick (1989) e outros autores apresentam estratégias para iniciar um processo de reestruturação a partir dos esportes e jogos tradicionais, introduzindo

paulatinamente os valores e princípios dos jogos cooperativos. Ele propõe começar essas mudanças modificando a estrutura vitória/derrota dos jogos tradicionais pela vitória-vitória (p. 116). Os jogos devem ser criados ou reestruturados de forma que terminem sem perdedores, ou seja, que todos possam ser reconhecidos como vitoriosos.

Uma boa expressão dessa proposição, que representa o extremo utópico dessa transição de uma estrutura competitiva para outra cooperativa, é a crônica “Isso de ganhar”, da qual citamos o seguinte trecho:

O futebol do futuro vai ser sem o gol como única forma de aferição da vitória e sem juiz. O momento do gol será festejado pelos dois times e cumprimentados os autores. Nem será necessário a bola transpor a linha. Uma bela jogada de conclusão infeliz será considerada meio gol pelo time adversário que aceitará a qualidade de sua urdidura e mandará anotar o meio ponto.

[...] O resultado final será a mescla do número de gols, como o de escanteios, o de jogadas consideradas belas e atitudes dignas de registro. Os dois times se reunirão para o proclamar e ambos comemorarão o fato de terem feito o espetáculo, aproveitando para verificar em que pontos melhoraram (Távola, 2002, p. 1).

Atualmente, na Espanha está surgindo uma nova concepção para a Educação Física, a qual inclui os jogos cooperativos: “Educação Física para a Paz” (Callado, 2001). Essa nova concepção surge de uma inter-relação das características específicas da área com os princípios filosóficos de um projeto maior chamado Educação para a Paz. Para conduzir esse projeto da educação para a paz e da Educação Física, Callado propõe “potencializar a prática de jogos cooperativos” (idem, p.3), pois considera que as atividades cooperativas são um dos principais pilares dessa proposta: a cooperação aprende-se cooperando.

Oliveras (1998) apresenta os jogos cooperativos como capazes de diminuir as manifestações de atitudes agressivas e capazes de aproximar as pessoas umas das outras e também da natureza, em função de suas características. Essas são:

- não valorizar o fato de ganhar ou perder;
- evitar a eliminação dos participantes, procurando manter todos inclusos até o fim do jogo;
- procurar facilitar o processo criativo, com a flexibilização das regras;
- buscar evitar estímulos à agressividade e ao confronto individual ou coletivo.

No Brasil, procurando fazer uma interface dos jogos cooperativos com a pedagogia do esporte, Brotto (2002) propõe uma mudança para tornar o esporte menos competitivo e excludente, ou seja, “caracterizando-os como um exercício de convivência fundamental para o desenvolvimento pessoal e para a transformação” (p. 3). Descreve também as características de uma “Ética Cooperativa: contato, respeito mútuo, confiança, liberdade, re-criação, diálogo, paz-ciência, entusiasmo e continuidade” (p. 40). A proposição do autor é fazer dos Jogos Cooperativos uma pedagogia para o esporte e para a vida.

Outro autor, que inclui uma perspectiva política importante para a proposta dos jogos cooperativos, é Brown (1995). Ele vê a confiança e a comunicação como umas das principais características dos jogos cooperativos. Nesses jogos, é incentivada a participação de todos e a não-exclusão. Algumas dessas características são destacadas pelo autor da seguinte forma:

- *libertam da competição*, porque o interesse se volta para a participação, eliminando a pressão de ganhar ou perder produzida pela competição;
- *libertam da eliminação*, porque procura incluir e integrar todos, evitar a eliminação dos mais fracos, mais lentos, menos habilidosos etc.;
- *libertam para criar*, porque criar significa construir, exigindo colaboração. Permitindo a flexibilização das regras e mudando a rigidez destas, facilitam a participação e a criação;
- *libertam da agressão física*, porque buscam evitar condutas de agressão, implícita ou aceita, em alguns jogos.

Destaca-se ainda no trabalho de Brown (idem) uma forte relação do jogo cooperativo ou competitivo com as questões políticas das classes socialmente desfavorecidas. Como professores e de acordo com o autor, “uma de nossas tarefas é educar para não aceitar passivamente a injustiça” (p. 31) e “como educadores temos que transmitir outros valores. Podemos oferecer a alternativa da solidariedade e do senso crítico diante do egoísmo e da resignação” (p. 31). Com essa perspectiva os jogos cooperativos ganham um papel bastante transformador e, possivelmente, revolucionário.

JOGOS COOPERATIVOS E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL

Certamente, Orlick, Brown e Brotto são as principais referências sobre jogos cooperativos, mas novos trabalhos vem sendo elaborados a partir desses autores.

Adiante, esboça-se um breve perfil de como a proposta dos jogos cooperativos está desdobrando-se na escola e, mais especificamente, no ensino fundamental.

Com os jogos cooperativos, a Educação Física escolar pode enxergar com muito mais facilidade a integralidade do ser humano e a necessidade de trabalhar valores tais como a solidariedade, a liberdade responsável e a cooperação.

Conforme Soler (2002), as aulas de Educação Física são espaços privilegiados para desenvolverem-se relações desse tipo. Nesse sentido, os jogos cooperativos podem ser um aliado fundamental, pois a cooperação pode ser aprendida assim como a competição o foi. O autor afirma que os jogos cooperativos têm um grande potencial no trabalho com alunos portadores de necessidades especiais. Esses jogos “têm como característica integrar todos, e ninguém se sente discriminado” (p. 55).

Salvador et al. (2001), entendendo a realidade social baseada na divisão de classes com objetivos diferentes e antagônicos, buscaram reestruturar suas práticas pedagógicas com um projeto que pudesse interferir nesse contexto. Elegeram os jogos cooperativos como atividade para oferecer aos alunos experiências e mudanças comportamentais em relação ao contexto e à realidade em que viviam. Encontraram nos jogos cooperativos uma forma de discutir, nas aulas de Educação Física, outras formas de relações de poder, de regras, de convivência e de jogar.

Um trabalho mais elaborado e aprofundado é o de Cortez (1999). A autora identificou, em um grupo de alunos da 3ª série do ensino fundamental, as mudanças ocorridas no nível de satisfação, alegria, auto-estima, integração e competição a partir da introdução de um programa de jogos cooperativos. Para ela, as crianças gostaram da experiência com os jogos cooperativos e demonstraram alegria e satisfação a maior parte do tempo, além de muita vontade e empenho para solucionar imprevistos e dificuldades na execução das atividades. Observou, ainda, as seguintes categorias de comportamentos e atitudes durante o trabalho com jogos cooperativos: ação aleatória, interação social, o papel do desafio no “fluir”, pensamento reflexivo/solução de problemas e cooperação.

Ação aleatória: nos momentos em que as crianças ainda não incorporaram ou compreenderam os objetivos cooperativos do novo jogo, elas atuam de forma competitiva, apresentando comportamentos individualizados, agressivos e pouco cooperativos. Ganhar ainda é importante e as crianças apresentam um grau médio de satisfação e alegria.

Interação social: é um aspecto importante na construção do conhecimento e no desenvolvimento social e individual das crianças e os jogos em grupo e os cooperativos colaboram grandemente para isso.

O papel do desafio no “fluir”: o fenômeno do *fluir* é descrito como “uma maneira correta de viver – sem se preocupar com recompensas externas, esponta-

neamente, com envolvimento total" (Csikszentmihalyi apud Cortez, 1999, p. 119). Significa realizar as tarefas do cotidiano de forma positiva, e não como fardos a carregar. Esse estado de fluir pode e deve ser proporcionado pela escola por meio dos jogos cooperativos. Se a cooperação for enfatizada nas atividades lúdicas e evitando a ênfase na vitória, nos resultados finais e na competitividade, é possível propiciar às crianças um ambiente livre de medo e da preocupação de errar; ambiente este que lhe permitirá desenvolver sua criatividade e ampliar seus conhecimentos.

Pensamento reflexivo e solução de problemas: o jogo é uma atividade que oferece situações constantes e dinâmicas, que estimulam a criatividade e a expressividade da criança. "No jogo o 'feedback' para o conhecimento lógico vem da própria criança e de seus companheiros, auxiliando o surgimento de condutas mais cooperativas e autônomas" (Cortez, 1999, p. 125). Nos jogos cooperativos surgem um espaço e um momento para que as crianças aprendam a pensar e agir uns com os outros, de forma diferente da que estão acostumadas nas atividades competitivas.

Cooperação: refere-se ao envolvimento e à participação das crianças nos jogos, mostrando aumento da colaboração, da solidariedade, da amizade e do respeito entre elas. Os jogos cooperativos, ao permitir aos alunos uma nova forma de jogar, melhoram a interação social, levando-os a perceber a possibilidade de haver divertimento sem a competição a que estão acostumados.

Em Correia (2004) apresento um relato de experiência em uma escola pública da rede estadual do estado do Rio de Janeiro, onde fui pesquisador e professor. Os resultados mostram que nem sempre as atividades com jogos cooperativos são prontamente aceitas, mas que são uma boa oportunidade para se discutir com os alunos algumas relações e questões sociais surgidas nesse "confronto" entre uma proposta cooperativa levada pelo professor e uma realidade competitiva mais conhecida do aluno. Entendo esses conflitos como uma oportunidade para questionar com os alunos o paradigma da competição e pensar a perspectiva da cooperação.

Ao resgatar as brincadeiras dos alunos e adaptá-las à proposta dos jogos cooperativos, observei um método e uma oportunidade para estabelecer um diálogo mais próximo com as crianças. Ao permitir a participação das crianças, o docente coloca-se em condição de igualdade e estabelece um exemplo efetivo de como abrir caminho para cooperação, o diálogo, o aprendizado recíproco e a busca de convergências.

Confirmando a afirmação de Darido (2001), em Correia (2004), observei nos jogos cooperativos uma proposta coerente com as perspectivas de mudança e a necessidade de ser aperfeiçoada e mais estudada, mas que é amplamente viável e

possível de realizar-se na escola. Destaco a contextualização dos jogos cooperativos em função das classes sociais em que o trabalho foi inserido como um dos aspectos a ser mais estudado. Embora a cooperação seja uma reivindicação global, existe uma diferença na perspectiva, nos interesses, nas necessidades e nos objetivos em função das classes sociais. Desde que contextualizada, a proposta dos jogos cooperativos pode ser uma forma de educação transformadora.

Ressalto também que não é possível afirmar que os jogos cooperativos podem mudar sozinhos a realidade competitiva de uma escola, sistema educacional e, muito menos da sociedade, no entanto admito a possibilidade de plantarem-se algumas sementes cooperativas, que podem germinar e reproduzir novos frutos cooperativos. Mudanças sociais e educacionais consistentes processam-se lentamente. Os jogos cooperativos e a Educação Física escolar podem colaborar para as mudanças, mas a escola, os sistemas educacionais e as autoridades políticas terão de fazer a sua parte.

O grande desafio é levar a cooperação além do prazer do jogo e da aula de Educação Física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As nossas experiências com jogos cooperativos têm demonstrado que modificar atitudes, crenças e valores gera muitos conflitos e é se apresenta de forma complexa. Mostram também que há muito a aprender e a refletir sobre como desmistificar a competição e levar a cooperação além do espaço e do momento do jogo cooperativo.

É preciso lembrar e afirmar que a cooperação abrange uma dimensão muito além da simples modificação e alteração dos jogos, bem como além da mera intenção de proporcionar momentos de alegria e descontração. Bertrand (2001) alerta para isso: "não se deve fazer a cooperação somente pelo prazer da cooperação" (p. 231).

"A cooperação na educação vai muito além dos jogos cooperativos" (Brown, 1995, p. 20). É preciso fazer o aluno perceber nas estruturas cooperativas, encontradas e vividas nos Jogos Cooperativos, uma relação contextualizada com o seu trabalho, a sua atuação e a sua vida numa sociedade marcada pela competitividade do capitalismo. É preciso entender os jogos cooperativos como um exercício de oposição à competição, à dominação, às injustiças e às desigualdades nas relações sociais a que as pessoas estão submetidas na sociedade dita civilizada.

A relação ganhador-perdedor não existe apenas no jogo. Também há entre patrão-empregado, rico-pobre, países "desenvolvidos-países subdesenvolvidos". O patrão domina o empregado; o rico, o pobre. Nessa sociedade se reforça a relação de dominação,

violência, destruição dos fracos pelos fortes. Poucos são os “ganhadores” e muitos, os “perdedores”. Do mesmo modo como se aceita normalmente que uma equipe ganhe de outra, também se aceita a dominação na sociedade. Acredita-se que aquele que ganha merece o triunfo, porque é mais forte. Igualmente se aceita que o dono da fábrica está onde está porque soube esforçar-se e trabalhar (Brown, 1995, p. 16).

Por isso, é preciso estar atento ao planejar seus objetivos com jogos cooperativos. Não se pode esquecer que “não ‘combateremos’ apenas práticas lúdicas competitivas, mas sim toda uma cultura individualista que funda sua dinâmica na competição” (Barreto, 2002, p. 10).

O compromisso dos educadores é buscar o desenvolvimento e a transmissão de valores que estimulem a solidariedade, o respeito mútuo, a compaixão e muitos outros, mas sem, com isso, incentivar os alunos à resignação, à conformação e a subserviência. Ao contrário, o papel do educador, trabalhando com jogos cooperativos, é o de despertar o senso crítico para as questões sociais (Brown, 1995).

Kunz (2000) reconhece no jogo um importante e adequado momento para a discussão e esclarecimento dessas questões. É nesse sentido que enxergamos os grandes desafios e as possibilidades para quem se propõe a trabalhar com Jogos Cooperativos na Educação Física Escolar e no ensino fundamental.

Destacamos nessa questão da contextualização, a obra de Brown (1995) que, ao nosso ver, nos alerta para uma visão política do trabalho com jogos cooperativos. Brown extrapola a ênfase espiritual, transcendental e delimitada ao espaço de convivência indivíduo-indivíduo dada por Brotto (2000 e 2002). Entendemos que fazer uma composição ou uma inter-relação entre essas duas perspectivas é um grande desafio para quem estuda os jogos cooperativos, mas, ao mesmo tempo, uma possibilidade e uma forma mais adequada de atuação pedagógica e social.

Cooperative games: perspectives, possibilities and challenges in the physical education school

ABSTRACT: We begin of the importance to revise the paradigm of the competition in our society and in Physical Education in the school. To this end, we present cooperative games as the best proposal to demolish the paradigm of competition. We understanding the proposal cooperative games is transforming, but it needs to be contextualized and better researched. It is fundamental to take over the challenges and possibilities to break the domination of the competition paradigm and to take the co-operation beyond the school. KEY-WORDS: Cooperative games; physical education in the school.

Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios em la educación física escolar

RESUMEN: Partimos de la importancia de rever el paradigma de la competencia en nuestra sociedad y en la Educación Física Escolar. Presentamos la propuesta de Juegos Cooperativos como la más adecuada para la desmitificación del paradigma de la competición dominante. La propuesta Juegos Cooperativos es vista como transformadora. Sin embargo necesita de más estudios y contextualizada para asumir los desafíos y posibilidades de romper con el paradigma dominante de la competencia y así llevar la cooperación más allá de la escuela.

PALABRAS CLAVES: Juegos cooperativos; educación física escolar.

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. V. de. Jogos cooperativos e a cultura da cooperação. *Jogos Cooperativos*, n. 9/10, p. 10, abr.-maio, 2002.

BERTRAND, Y. Por uma competência ecossocial nova. In: BERTRAND, Y. *Teorias contemporâneas da educação*. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, p. 230-231.

BRASIL. *Jogos dos povos indígenas*. Brasília: Fundação Nacional do Índio. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/indios/jogos/jogos_indigenas.htm>. Acesso em: 10/07/2002.

BROTTO, F. O. *Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência*. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

BROTTO, F. O. *Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar*. Santos: Renovada, 2000.

BROWN, G. *Jogos cooperativos: teoria e prática*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

CALLADO, C. V. Educación Física para la paz. Una proposta possible. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Buenos Aires, Año 7, n. 36. 2001. Revista digital, disponível em: <<http://www.efesportes.com/efd36/paz.htm>>. Acesso em: 4 mar. 2003.

CORTEZ, R. do N. C. Sonhando com a magia dos jogos cooperativos. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Unesp, Rio Claro, 1999.

CORREIA, M. M. *Da realidade à utopia: uma proposta para a Escola Municipal Ary Schiavo*. Niterói, 2003. Monografia (Trabalho apresentado para obtenção do grau de especialista em Educação Física Escolar) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal Fluminense.

CORREIA, M. M. *Jogos cooperativos na escola: possibilidades e desafios na Educação Física escolar*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação e Letras, UNIG, Nova Iguaçu, 2004.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. *Perspectivas em Educação Física Escolar*, 2001, 2 (supl. 1), p. 5-25.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

GRACIANO M.; MAGRO, C. Introdução. In: MAGRO, C.; GRACIANO, M.; VAZ, N. (Org.). *Humberto Maturana: ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, p. 17-30, 2001.

KEMMER, A. V. M. A influência da competição na vida escolar do educando. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, IV, 2000. Niterói, *Anais...* Niterói, Universidade Federal Fluminense, Departamento de Educação Física, 2000, p. 13-15.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 2000.

LOVISOLO, H. Mediação: esporte rendimento e esporte da escola. *Revista Movimento*. Porto Alegre, ano VII, n. 15, p. 107-117. 2001.

MATURANA, H. R. *Emoções e linguagem na educação e política*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MONTEIRO, J. C. P. *Corpo e cultura de movimento indígena do ritual à esportivização*. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XII, 14-19 set. 2003. Caxambu. *Anais...* Caxambu, 2003.

OLIVERAS, E. P. Juegos Cooperativos: Juegos para el Encuentro. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Buenos Aires, 1998, ano 3, n. 9. Revista digital, disponível em: <http://www.efesportes.com/efd9/jue9.htm>. Acessado em 04/11/2003.

ORLICK, T. *Vencendo a competição*. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

SALVADOR, M. A. S.; TROTTE, S. M. S. Jogos cooperativos: uma estratégia essencial da cultura corporal nas escolas públicas. ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, V, Niterói, *Anais...* Niterói, 23-24 jun. 2001. Universidade Federal Fluminense – Departamento de Educação Física, p. 69-72.

SOLER, R. *Jogos cooperativos*. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

TÁVOLA, A. da. Isso de ganhar... *Projeto cooperação*. Santos, 7 set. 2002. Disponível em: <<http://www.projetocooperação.com.br/domes.htm>>. Acesso em: 7 set. 2002.

TERENA, C. J. *O importante não é competir, e sim celebrar*. In: BRASIL. *Jogos dos povos indígenas*. Brasília: Fundação Nacional do Índio. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/indios/jogos/jogos_indigenas.htm>. Acesso em: 10 jul. 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Departamento de Educação Física e Desportos. Programa de Pós-Graduação. Relatório da Comissão de Avaliação do VII ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (EnFEFE). Niterói: 11-12 outubro, 2003.

Recebido: 2 jun. 2005

Aprovado: 26 jul. 2005

Endereço para correspondência

Rua Mariz e Barros, 273

Rio de Janeiro-RJ

CEP 20270-003